



VII ENLIJE

A TEMÁTICA DA NEGRITUDE E DA CONDIÇÃO FEMININA EM AULAS DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: BUSCANDO NOVOS CAMINHOS

Jéssica Pereira Gonçalves; Jaine de Sousa Barbosa; José Hélder Pinheiro Alves

(Universidade Estadual da Paraíba, jessica.pgs2@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, jaine.barbosa@outlook.com; Universidade Federal de Campina Grande, helder.pinalves@gmail.com)

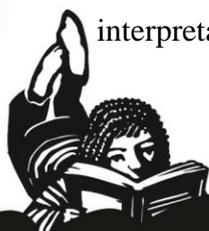
Resumo: Este trabalho, que é fruto das experiências na disciplina de Estágio de Literatura no Ensino Médio, do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Campina Grande, tem como principal objetivo apresentar e discutir os resultados de uma experiência de estágio supervisionado realizado em uma escola pública na cidade de Campina Grande. Refletiremos sobre o processo de preparação das aulas, bem como a execução delas. A metodologia empregada nas ministrações consistiu na leitura dos textos escolhidos, no momento dedicado às discussões sobre os textos, abordando, a priori, as significações que os alunos haviam dado a eles não só sobre as temáticas, mas principalmente sobre as relações estabelecidas entre elas e a realidade dos leitores. No presente trabalho, descrevemos o contexto em que realizamos a imersão, a metodologia empregada para a execução das atividades, como os alunos reagiram à aplicação delas e quais foram os resultados obtidos com a experiência. Diante do que observamos, pudemos perceber a importância do professor como agente indispensável à sala de aula e quão influente é a leitura para o aprendizado dos estudantes. Para nós, ficou evidente que promover o encontro com o texto literário é o caminho necessário para a formação de leitores de Literatura. Diante disso, é essencial que a turma possa realizar a leitura dos textos, discutir sobre eles, relacioná-los com outros conhecimentos que estão além do escrito e, depois disso, tratar das outras questões que também envolvem as obras.

Palavras-chave: Estágio; Ensino; Literatura.

INTRODUÇÃO

O Ensino Médio é uma etapa da educação básica marcada por grandes expectativas e cobranças para professores e alunos. Os estudantes são acometidos por grandes responsabilidades: escolher uma profissão, ingressar no ensino superior ou, para muitos, conseguir um emprego. As atividades e os conteúdos programados visam ajudar os alunos a se prepararem para esses fins, por essa razão, percebemos, muitas vezes, a exaltação de valores como o pragmatismo e a objetividade. Diante desse cenário, surgem questionamentos como: será que há espaço para se trabalhar com algo tão subjetivo como a leitura literária no Ensino Médio? Mas a pergunta central para nós é: como se trabalhar com a Literatura de forma a ajudar na formação de leitores?

Responder a essas questões envolve refletir sobre o próprio papel que a Literatura exerce para os leitores. Dentre os papéis que a leitura literária possui, temos a construção do pensamento crítico do alunado, uma vez que aquele que consegue ler e interpretar um texto literário, com os recursos que caracterizam esse lugar do dizer, terá, provavelmente, mais facilidade para ler e interpretar textos de linguagem denotativa. Mas uma questão que pode ser considerada anterior é:





VII ENLIJE

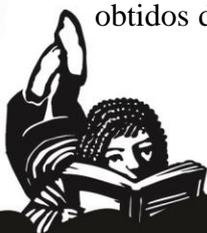
como levar o jovem a descobrir a leitura literária? No bojo desta pergunta está tanto a metodologia quanto as escolhas das obras. Portanto, o como e o quê estão intimamente ligados quando se pensa a formação de leitores de literatura no E.M. O texto literário, se trabalhado com uma metodologia que atraia a atenção do aluno, poderá ajudá-lo a despertar o próprio interesse pela leitura e a percepção do caráter humanizador da Literatura, possibilitando a ele a reflexão sobre a sua realidade.

Este artigo objetiva apresentar e discutir os resultados de uma experiência com o ensino médio durante a realização de um estágio supervisionado, em uma escola de ensino público na cidade de Campina Grande. Refletiremos, inicialmente, sobre o processo de preparação das aulas e, a seguir, nos voltamos para a intervenção em si e a recepção das leituras com os adolescentes.

A experiência foi realizada em uma turma de adolescentes do 2º ano do ensino médio. Antes da execução das aulas, tivemos um planejamento prévio de como os encontros aconteceriam e quais temáticas seriam abordadas em sala. Sendo assim, foram elencados dois temas que pudessem, além de despertar o interesse dos alunos, fazê-los pensar sobre problemas sociais muitas vezes enfrentados por negros e mulheres, uma vez que foram trabalhadas as temáticas da negritude e da condição feminina, que desembocam no preconceito que ambos sofrem desde muito e em variadas instâncias da sociedade. Para isso, foram selecionados textos de gêneros literários diversos, como poemas, contos, músicas e folhetos de cordel.

A metodologia empregada nas aulas consistiu, inicialmente, na leitura dos textos escolhidos. Algumas eram realizadas somente pelas estagiárias, outras, no entanto, eram lidas exclusivamente pela turma. Ao término de cada uma iniciávamos o momento dedicado às discussões sobre os textos, abordando, a priori, as significações que os alunos haviam dado a eles não só sobre as temáticas, mas principalmente sobre as relações estabelecidas entre elas e a realidade dos leitores. Além desse aspecto, abordamos também os de ordem linguística e estrutural das obras e como elas influenciavam em sua construção. Diferentemente do que estamos habituados no ensino de literatura, em que, na maioria das vezes, os professores levam à sala inúmeros exercícios de fixação do conteúdo, optamos por discussões orais, uma ficha de leitura para um dos textos e, por último, a resolução de um simulado que atuou como atividade avaliativa.

No decorrer deste texto, traremos, em um primeiro momento, algumas reflexões sobre o ensino de Literatura e a importância de se formar leitores por meio da leitura de textos literários, para isso, apresentaremos algumas discussões propostas por estudiosos como Paulino (2014), Alves (2006), Guimarães (2012), dentre outros. Em um segundo momento, exporemos os resultados obtidos durante a experiência de estágio, a metodologia empregada nas aulas, os textos trabalhados,





VII ENLIJE

a recepção dos alunos e a própria avaliação deles, dando voz àqueles a quem foi destinado todo o trabalho elaborado pelas estagiárias sob a orientação do professor responsável pela disciplina acadêmica e a supervisão da professora da turma em que ocorreu a experiência. O último momento deste texto destina-se a apresentar algumas considerações finais construídas a partir de toda a reflexão proposta no decorrer deste relato docente.

O PROCESSO DE PREPARAÇÃO

Antes de irmos à sala de aula, houve um longo caminho que percorremos para, em primeiro lugar, refletirmos sobre o estágio e o ensino de Literatura através de leituras teóricas e, posteriormente, escolhermos as temáticas que seriam abordadas e selecionarmos as obras que trabalharíamos no ambiente escolar. O trabalho ocorreu, em princípio, com todos os alunos da turma da disciplina de estágio. As temáticas foram escolhidas em conjunto, ao buscarmos temas atuais e que, geralmente, não são trabalhados em sala de aula através da leitura literária. Tal constatação foi comprovada nos discursos dos alunos, que relataram a falta de reflexão na escola sobre a negritude e a condição feminina.

A escolha das obras também foi uma etapa realizada com muito cuidado e planejamento. Buscamos trabalhar com textos tanto do cânone, quanto com aqueles que estão à margem, como por exemplo, do autor Cuti. Embora os textos literários fossem o foco das aulas, selecionamos também vídeos, imagens e canções para complementarem as reflexões e discussões realizadas em sala de aula. Além dessas etapas, no planejamento, também elaboramos um simulado com questões objetivas sobre os textos lidos e discutidos em sala elaboradas por nós sob a orientação do professor da disciplina. A escolha, por questões dessa tipologia se deu pela necessidade de associarmos as leituras literárias com a prova que os alunos iriam realizar para um possível ingresso no ensino superior: o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Vale destacar também que os textos selecionados para serem trabalhados foram reunidos em antologias e entregues individualmente para os alunos. Diante disso, destacamos a extrema importância deste momento que antecedeu a ministração das aulas. Um processo de preparação com supervisão e dedicação por parte dos envolvidos é essencial para a concretização satisfatória da experiência do estágio.

HÁ ESPAÇO PARA A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO?

Tratar do ensino de Literatura é, muitas vezes, lembrar de aulas em que somente explicações de estilos e épocas eram levados em consideração enquanto o texto poderia ser





VII ENLIJE

esquecido, simplesmente citado, recortado de sua obra completa ou utilizado como pretexto para o estudo de regras gramaticais. A resposta para a pergunta inicial é positiva não só por que a literatura faz parte do currículo dos alunos do Ensino Médio, mas porque é por meio dela que o aluno poderá compreender mais sobre o mundo que o cerca por meio dos mais variados textos e dos diálogos que eles permitem, afinal de contas, conforme afirmam os autores,

[a] literatura parece abrir os nossos sentidos para o mundo. O conhecimento humanístico é indispensável para que o indivíduo com um olhar crítico amadurecido sobre a realidade (...) A literatura lida com a condição humana, com a natureza do homem, sua mortalidade e o mistério de sua existência, expondo as relações entre o homem e a sociedade, bem como a sensação de acolhimento ou estranhamento do homem em relação ao mundo (ARAÚJO, GREGÓRIO, GOMES, 2013, p.61)

Além de observarmos a importância do ensino de literatura, devemos focar na importância do educador no processo de aprendizado. Falar do papel do professor é reconhecer que sua função no ensino é indispensável, um vez que é norteado por ele que o aluno poderá compreender os estudos sobre o texto e sobre a literatura em si. Muitos estudantes, no ensino fundamental, não reconhecem o texto literário como obra literária, isto é, como algo que poderia favorecer uma experiência contínua de aprendizado, mas somente como um material que servirá apenas para a leitura e atuará como um complemento de um exercício realizado posteriormente. E este é um grave problema que vem do ensino fundamental e, por vezes, pode chegar ao ensino médio fazendo com que o aluno perca a oportunidade de reconhecer a literatura como um passaporte para a crítica, para a fantasia e para a descoberta. Nessas questões, o papel do educador é inegável, porque é ele quem atuará na formação de leitores e não somente decodificadores. Segundo Machado (2014),

[f]ormar leitores da literatura vai muito além da tarefa de se elencarem tópicos de conteúdos em materiais didáticos, pois exige um permanente olhar sobre a produção literária do presente e do passado, domínio que só se conquista pela contínua leitura de obras, pelos professores. (MACHADO, 2014, p. 242).

Quando se trata de contribuir para o aprendizado de alguém, principalmente no que se refere à leitura de textos literários, há um processo muito maior do que somente apresentar uma lista de estilos de época ou histórico de vidas de autores. Paulino pontua que “ensinar Literatura não poderia mais ser ensinar a sucessão cronológica de estilos separados à força e que, muitas vezes, nem se afirmaram culturalmente em nosso país” (PAULINO, 2014, p. 163).

Observando este fato, retornamos novamente à importância do professor para o ensino de Literatura. Para que os alunos compreendam o universo dos textos, posicionem-se sobre eles e através deles, é necessário que o educador os direcione para isso, levando em consideração o





VII ENLIJE

contexto escolar. E para que isso aconteça, ele precisa “estimular conhecimentos diversos que sustentassem discussões sobre leituras literárias, provocando o interesse não só por outros textos como também por releituras que os comentários em sala de aula suscitem.” (MACHADO, 2014, p. 244).

Este estímulo está associado não somente ao que é feito dentro da sala de aula, mas na escola como um todo e também na família. No entanto, nem sempre no convívio familiar o sujeito tem contato direto com os livros, por exemplo, por isso que o papel do professor para a essa aproximação é tão importante, conforme afirma Petit (2008):

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com o mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial. (PETIT, 2008, p. 154).

Essas trocas fazem com que a discussão de temas exista, o professor compartilhe conhecimentos, ao mesmo tempo que aprende com os alunos e, faz com que ambos sejam constituídos agentes indispensáveis para o aprendizado. Quando se trata da experiência de estágio, por exemplo, observamos que a construção do saber acontece com sujeitos que ainda estão em formação. O aluno, que ainda está formando seu pensamento e seu conhecimento de mundo, e um licenciando, que embora tenha grande parte do conhecimento já formado, também está em constante construção. Essa se dá, assim como para os educandos, em um processo de formação, que é

[c]onstituído pelas aulas, pelo convívio com professores e colegas, pelo compartilhamento de leituras teóricas e literárias, pelos grupos de estudo dos quais participa, pelo repertório de autores que lhe é sugerido por colegas e professores. (GUIMARÃES, 2012, p. 274).

É indispensável que o estagiário, assim como todo o professor de literatura seja, antes de tudo, um leitor de obras literárias, se isso não ocorre, como ele poderá despertar o interesse dos alunos e guiá-los no processo de descoberta dos textos? Assim, Paulino (2014) constata que “preparar os licenciandos para formar leitores significa, necessariamente, torná-los leitores, e não se trata de tarefa fácil, após anos e anos de escola em que a Literatura se resumiu a uma obrigação desagradável, da qual se queriam ver livres.” (PAULINO, 2014, p. 173). O que contribui para que os alunos tenham essa visão negativa da literatura e a veja enquanto algo desnecessário e até enfadonho, muitas vezes, é a própria metodologia empregada nas aulas, que acaba afastando os alunos do prazer da leitura literário.





Alves (2006), ao discutir sobre o livro didático e a metodologia de estudar textos através apenas do estudo das escolas literárias faz o seguinte questionamento: “Não seria mais rico, em vez de estudar literatura no ensino médio de um modo atrelado ao viés historicista, ler as obras com os alunos?” (ALVES, 2006, p. 114). Enquanto professores ou futuros professores, precisamos atentar para o fato de que devemos possibilitar o encontro de nossos alunos com o texto literário. O estudo sobre as escolas literárias, ou sobre qualquer outro aspecto relacionado às obras, pode e deve ser trabalhado, mas sempre tendo como ponto de partida o próprio texto. Além disso, ainda em relação à metodologia, o professor deve ficar atento para ouvir a voz de seus alunos, possibilitar que eles discutam sobre o texto e apresentem suas leituras. Assim, ele contribuirá com o encontro desses alunos com a leitura literária e o seu caráter desafiador e transformador.

A EXPERIÊNCIA COM A LEITURA DOS TEXTOS LITERÁRIOS

Como já mencionamos anteriormente, a experiência de ensino relatada neste artigo foi realizada em uma turma de 2º ano de uma escola pública localizada na cidade de Campina Grande, PB. As aulas ocorreram em seis encontros de uma hora e meia, foram, portanto, ministradas 12 aulas; nas seis primeiras, a temática estudada foi a da negritude, nas seis últimas, a condição feminina. Como destacamos, a escolha dos textos foi realizada durante as aulas de planejamento na disciplina do Estágio. Listamos obras que abordavam os temas escolhidos e selecionamos algumas canções da atualidade que trouxessem a imagem da mulher, para as aulas destinadas a esse estudo. Os textos foram organizados em dois módulos. Durante as aulas sobre a negritude, os textos trabalhados foram: “Negrinha”, de Monteiro Lobato, “Essa negra fulô”, de Jorge de Lima, “Boneca” e “Incidente na raiz”, ambos da autoria de Cuti. Já nas aulas sobre a condição feminina, foram lidos e discutidos os seguintes textos: “O corpo, as coisas e a vida de Maria”, de Dôra Limeira, os poemas “Com licença poética”, de Adelia Prado, “Mulher da vida”, de Cora Coralina, “Mulher ao espelho”, de Cecília Meireles, “Ser mulher”, de Gilka Machado, além do cordel “Viagem à Santa vontade”, de Maria Godelive. As músicas levadas para a sala de aula foram *Baile de favela*, de MC João, e uma resposta à mesma, escrita por Marina Nolasco, que recebe o mesmo título. Todos esses textos apresentavam reflexões sobre a identidade do negro, a violência contra a mulher e o empoderamento feminino, por exemplo e, sobretudo, o combate ao preconceito.

A metodologia empregada por nós consistiu em aulas dialogadas, a partir da leitura de todos os textos. Foi perceptível o interesse dos alunos no momento da leitura, embora alguns textos





VII ENLIJE

fossem longos, como o exemplo de “Negrinha” e de “O corpo, as coisas e a vida de Maria”, eles não perdiam o foco e reagiam às emoções advindas da leitura. Outro aspecto a se destacar é que tentávamos estimular a participação dos alunos, por vezes tímida, mas sempre presente e, em alguns momentos, bem notória, como ocorreu na primeira aula em que discutimos a temática da condição feminina através das músicas “Baile de favela” e a resposta feita por Mariana Nolasco. No decorrer das aulas, os alunos se posicionavam revelando suas interpretações. Eles destacaram o sofrimento de Negrinha e a crueldade da senhora, no texto de Lobato, perceberam como a cultura machista influencia no modo de pensar sobre a mulher, ao ouvirem as músicas, fizeram um retorno à história, ao tratar da escravidão e os problemas que ela trouxe à sociedade. Esse momento em que os alunos se expressaram foi destacado por eles como um fator positivo, como podemos constatar nas respostas dadas no momento de avaliação das aulas, e que serão expostas no momento final deste texto.

A avaliação da turma ocorreu através da participação contínua nas aulas e por meio de um simulado, como destacado, que continha questões elaboradas pelos alunos da turma de estágio. Escolhemos esse tipo de avaliação para que os alunos pudessem participar das discussões ao longo das aulas não por nota, mas por se identificarem com os textos e desenvolverem suas capacidades tanto de leitura quanto interpretação do texto. O simulado só ocorreu em nosso último encontro, como um apanhado geral de tudo que foi realizado. As questões eram sobre os textos trabalhados durante as aulas e retomavam as discussões promovidas durante os encontros sobre as temáticas trabalhadas.

Durante nossas aulas, pudemos perceber que grande parte da turma conseguia se expressar com interesse acerca das duas temáticas abordadas, debatendo e expondo pontos de vista sobre o que estava sendo tratado. As primeiras seis aulas trouxeram a temática da negritude, conforme foi explicitado anteriormente, e antes que os textos fossem lidos nós realizamos uma breve roda de conversas sobre o preconceito. Na primeira aula, perguntamos se os alunos já haviam presenciado alguma cena de discriminação racial ou se eles mesmos já haviam praticado isso ou sido vítimas. A resposta para ambas as perguntas foi afirmativa. Eles já estiveram presentes em situações nas quais pessoas tiveram atitudes preconceituosas, assistiram a vídeos que continham cenas de preconceito e agiram de modo semelhante em algumas situações. É significativo observarmos que em se tratando da atitude deles, muitos argumentaram que chamavam amigos de “negão” ou quaisquer outros nomes que se associassem ao negro, por exemplo, não em tom pejorativo, mas como forma de intimidade e proximidade. Não sabemos, ao certo, até que ponto a brincadeira se tornava





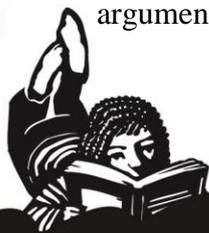
VII ENLIJE

discriminação, mas era evidente que os que ouviam tais chamamentos também enxergam aquilo com humor.

Logo após a roda de conversa, realizamos a leitura do primeiro texto da antologia. O conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, que causou bastante estranhamento na turma. Em silêncio absoluto, todos ouviam atentamente ao que estava sendo lido. Uns sentiram raiva, outros tristeza e alguns comoção, a exemplo de uma aluna que, em um misto de sensibilidade e indignação, chorou durante o momento de leitura, por imaginar o sofrimento que a protagonista estava enfrentando. Com as discussões, percebemos quão envolvidos eles estavam com a narrativa e a temática trabalhada, porque se expressavam e opinavam criticamente acerca dela, compartilhando como enxergavam a dor de uma criança e a maldade que havia na escravidão. Sempre pedíamos que os alunos voltassem ao texto, observando aspectos como a ironia e as adjetivações, muito presentes na caracterização das personagens no conto em questão.

Na segunda semana, assistimos a dois vídeos. Um que trazia crianças de outra nacionalidade demonstrando atitude preconceituosa na escolha entre uma boneca branca e outra negra, intitulado *Experimento Revela que o Racismo é Mais Forte do que Todos Pensam* e outro, *Ninguém nasce racista*, este brasileiro, que também continha crianças, mas essas demonstravam total respeito à cor e raça e indignação quanto às atitudes preconceituosas que lhes foram pedidas. No vídeo, elas teriam que ultrajar negros, mas não conseguiam, por reconhecer que não estava correto. Novamente atentos, os alunos mostravam quão importante era saber respeitar o outro independente das diferenças que esse tivesse. Neste dia, também realizamos a leitura do conto *Boneca*, de Cuti, que, assim como os vídeos, apresenta como o preconceito é algo que se evidencia a partir de pequenos gestos, como o fato de quase não se venderem bonecas negras, apenas brancas e loiras. Lemos, em seguida, o poema “Essa Negra Fulô”, de Jorge de Lima, e a turma se divertiu bastante com a leitura e algumas partes do texto e se indignou com outras, a exemplo dos momentos em que Negra Fulô é acusada de roubo por sua senhora. Durante esta aula, tivemos um momento de conversa sobre conhecer e desconhecer os limites das pessoas que estão ao nosso redor. Discutimos como era necessário haver respeito nas relações sociais e como cada indivíduo possui particularidades diferentes das nossas e que precisam ser compreendidas.

Nas duas últimas aulas de discussões sobre a Negritude, lemos o texto “Incidente na Raiz”, de Cuti. Fizemos algumas perguntas às meninas da turma. Questionamos se elas já haviam realizado algum procedimento capilar para alisar os fios do cabelo e a resposta delas foi positiva. Cada uma argumentou que havia feito alguma química porque era moda ter cabelos lisos, porque não gostava



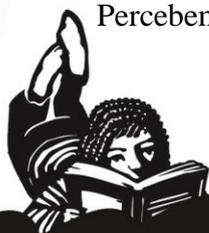


VII ENLIJE

dos seus ou simplesmente por não gostar de si naturalmente. Com a fala delas, percebemos quão influente é a mídia e a moda na vida das pessoas e como isso faz com que desejemos ser iguais aos padrões de beleza impostos socialmente. A leitura do texto abriu espaço para a temática que foi abordada na semana seguinte, já que a protagonista da história era uma mulher e o assunto trabalhado seria a condição feminina.

No primeiro encontro acerca da temática da condição feminina discutimos sobre questões relacionadas ao machismo e ao feminismo, estabelecendo o conceito e as diferenças entre os dois. Levamos para a sala outros dois vídeos, o clipe do funk *Baile de favela*, que continha uma música que denegria a imagem da mulher, e outro com uma paródia para a mesma, *Baile de favela (resposta)*, que mostrava o lado negativo da música em relação à representação da mulher. Ambas as canções eram conhecidas pela turma, e era visível que a maioria estava dividida entre as duas possíveis sensações: a primeira era gostar da música *Baile de Favela* e conhecer completamente a letra, e a segunda admirar a resposta que Marina Nolasco fez para a canção original. Assim que as canções foram ouvidas, discutimos sobre o “problema da generalização”, apontando para o fato de que nem todos os homens são machistas e que todas as mulheres têm o direito de escolha, e realizamos a leitura do texto “O corpo, as coisas e a vida de Maria”, de Dôra Limeira. É pertinente ressaltarmos que para essa leitura, os próprios alunos escolhiam os parágrafos e liam sem que nós orientássemos. Percebemos que sempre que era chegada a hora de ler, todos silenciavam e prestavam atenção ao que estava sendo feito, como foi relatado anteriormente. Muitos trouxeram experiências pessoais que dialogavam com a história da personagem e com a temática abordada no texto, a violência contra a mulher, que não é apenas física, mas principalmente psicológica. Alguns alunos tinham pais alcoólatras, outros padrastos, alguns conheciam histórias semelhantes, e assim sucessivamente.

No segundo encontro, retomamos o conteúdo estudado e pedimos para que a turma fosse dividida em quatro grupos para as discussões dos poemas já destacados: “Com licença poética”, de Adelia Prado, “Mulher da vida”, de Cora Coralina, “Mulher ao espelho”, de Cecília Meireles e “Ser mulher”, de Gilka Machado. Pedimos para que um dos integrantes do grupo se responsabilizasse por fazer anotações da equipe sobre o texto e repassar para a turma o que havia sido recolhido. Nesta aula, vimos que os estudantes preferiam ler contos e quando se tratava de poemas havia certo estranhamento e rejeição. Uns afirmavam que poesia era algo “chato” e que não envolvia o leitor, e outros apresentavam dificuldade para discutir sobre o que aquele texto poderia significar. Percebemos, portanto, que a poesia não era trabalhada com frequência em sala de aula. Para





VII ENLIJE

desconstruir essa visão sobre o gênero, abordamos a importância de atentar para os sentidos do texto os e o modo como os autores abordavam as temáticas. Segundo Alves (2007), “o modo como o poeta diz- e o que diz ou comunica- sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçar as emoções e a sensibilidade do leitor” (ALVES, 2007, p. 23). Sendo assim, levar os poemas para sala de aula foi uma escolha essencial para que os alunos tivessem contato com textos de poetisas que tratam com tanta maestria na linguagem a temática da condição feminina.

Na última aula, optamos por fazer um apanhado geral de nossas aulas e realizar uma última leitura. O texto escolhido foi o folheto de cordel *Viagem à Santa Vontade*, de Maria Godelive, e com ele pudemos discutir sobre o empoderamento feminino. Muitos se admiraram com o que o texto trazia e se divertiram percebendo como era surreal existir uma cidade como a que a autora descreve na obra. Após as discussões, entregamos o simulado aos alunos e esperamos até que a atividade fosse concluída. Quando isso aconteceu, agradecemos pelo tempo que pudemos passar com eles e conversamos sobre nossa experiência de modo geral, acreditando que com as aulas cada estudante pôde aprender sobre o respeito, os valores sociais, a discriminação e em como tudo isso afeta nosso pensamento não só sobre as temáticas abordadas, mas sobre tudo que envolva a sociedade.

De todas as atividades que realizamos, percebemos que o modo como elas estavam planejadas fazia com que os alunos parecessem dispersos em algumas situações, já que não havia atividade escrita após a leitura dos textos. Com isso pudemos observar que estamos habituados e, talvez, até engessados, a acreditar que as aulas são proveitosas apenas quando os alunos conseguem responder questões sobre os assuntos abordados em sala, e que isso nem sempre é real, uma vez que eles podem discutir sem precisar, necessariamente, realizar atividades em todas as aulas. Independente de qualquer questão, conseguimos atingir nosso principal objetivo, que era fazer com que a turma pensasse, opinasse e conhecesse um pouco mais das temáticas escolhidas a partir da leitura literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou relatar e, principalmente, refletir sobre como se deu a experiência de estágio em uma turma do 2º ano do ensino médio, em uma escola pública da cidade de Campina Grande. Conforme mencionado anteriormente e percebido na leitura do presente texto, descrevemos, de modo geral, como esse processo aconteceu. Desde a elaboração das aulas, discussão dos textos no ambiente da universidade, construção das antologias, conhecimento da





VII ENLIJE

escola que seria visitada e preparação da atividade para compor uma das notas da turma. Diante disso, realizamos um trabalho em equipe que exigiu planejamento e comprometimento de vários agentes: estagiários, professor orientador, professora da disciplina que cedeu o espaço para a realização da imersão e a escola de um modo geral. Percebe-se, portanto, que o Estágio supervisionado exige um trabalho coletivo, não apenas restrito ao âmbito dos envolvidos na disciplina.

Diante da experiência relatada, pudemos perceber a importância do professor como agente indispensável à sala de aula e quão influente é a leitura para o aprendizado dos estudantes. Para nós, ficou mais claro o fato de que o próprio texto literário ainda é o melhor caminho para compreender a literatura e que repassar somente aspectos referentes às escolas literárias, à vida dos autores ou até mesmo somente sobre a estrutura composicional de um poema, pode ser um caminho que afaste os alunos do desejo de conhecer mais sobre as produções literárias.

Pudemos perceber que promover o encontro com o texto literário é o caminho necessário para a formação de leitores de Literatura. Diante disso, é essencial que a turma possa realizar a leitura dos textos, discutir sobre eles, relacioná-los com outros conhecimentos que estão além do escrito e, depois disso, o professor pode abrir espaço para tratar das outras questões que também envolvem as obras.

O diferencial de nossa experiência, comparando com o ensino tradicional de Literatura, é que buscamos empregar uma metodologia que desse voz aos alunos para lerem e discutirem textos literários diversos, sem a pressão de realizarem provas ou atividades com a finalidade meramente de atribuir notas. Nosso intuito foi promover uma ponte entre alunos e textos literários diversos e, assim, formar leitores de Literatura.

Com a resolução do simulado, constatamos que muitos compreenderam o que estava sendo pedido nas questões, enquanto outros acabaram por confundir algumas respostas, mas, durante os encontros, demonstravam interesse em aprender tanto sobre a temática da negritude quanto do feminino. Além disso, vimos a importância de criar vínculos com a turma, uma vez que à medida que conhecíamos os alunos, percebíamos suas percepções sobre as temáticas estudadas, os conhecimentos sobre contos, poemas e da importância de leitura, de um modo geral.





VII ENLIJE

REFERÊNCIAS

ALVES, Helder Pinheiro. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: MENDONÇA, Márcia; BUNZEN, Clecio. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

ALVES, Helder Pinheiro. **Poesia em sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

ARAÚJO, R. B de; GREGÓRIO, P. H. S; GOMES, V. L. A. Literatura para além do ensino: o texto literário como formador do sujeito. In: SÁ, L. A. de; OLIVEIRA, A. P. de. (Org). **Literatura e ensino: reflexões e propostas**. – Natal, RN : EDUFRN, 2014.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. O estágio curricular no curso de Letras: o desafio de ensinar a ensinar Literatura. In: MURIEL, Isis; RODRIGUÊS, Márcia Candeia. **Ensino de Língua e Literatura: políticas, práticas e projetos**. Campina Grande: Bagagem/ UFCG, 2012.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. Formação de leitores: saberes, experiências e circuitos sociais da literatura. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; LIMA, Elizabeth Gonzaga. **Modos de ler: oralidades, escritas e mídias**. Curitiba: Arte & Letras, 2014.

PAULINO, Graça. Ensino de literatura e formação docente. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; LIMA, Elizabeth Gonzaga. **Modos de ler: oralidades, escritas e mídias**. Curitiba: Arte & Letras, 2014.

PETIT, Michèle. O papel do mediador. In: **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**; tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.

Experimento Revela que o Racismo é Mais Forte do que Todos Pensam. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sq4z2Vq2K1w>>. Acesso em 20 Ago. 2016.

Ninguém nasce racista. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=FsVnlWd1Zrs>>. Acesso em 20 Ago. 2016.

Baile de favela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kzOkza_u3Z8>. Acesso em 21 Ago. 2016.

Baile de favela resposta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LL8x0ewyH_k>. Acesso em 21 Ago. 2016.

